

## Psicopedagogia e escola pública: uma história possível?

Georgia Vassimon<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta uma experiência de parceria entre a escola pública e o setor privado com o propósito principal de promover reflexão sobre a possibilidade dessa parceria em projetos educacionais.

**Palavras Chave:** psicopedagogia, escola pública e parceria.

*Psychopedagogy and public school: a possible partnership?*

**Abstract:** This article describes a partnership experience between public schools and the private sector. The main idea is to promote a reflexive conversation about the possibilities of expanding this experience towards educational projects.

**Keywords:** Psychopedagogy, public schools, partnership.

Nos últimos anos o Getep (Grupo de Estudos e Trabalhos Psicodramáticos) tem realizado e acompanhado muitos atendimentos psicopedagógicos dentro e fora da escola e podemos contar, por meio deste artigo, uma dessas experiências. Trata-se da que ocorreu durante o ano de 2011, em três escolas estaduais numa comunidade de São Paulo, nascida da parceria deste grupo com uma instituição privada.

Os atendimentos psicopedagógicos eram feitos em grupos de 10 crianças ou adolescentes, levando em conta a série/ano e a faixa etária, durante uma hora e meia no contra turno da escola, por uma profissional de psicopedagogia visando melhorar o papel de aluno e as dificuldades de aprendizagem, principalmente as ligadas as competências de leitura e escrita.

Brota uma questão: como construir um linguajar comum entre os envolvidos?

Nós humanos, surgimos na história da família dos primatas bípedes à qual pertecemos quando o linguajar – como maneira de conviver em coordenações de coordenações comportamentais consensuais – deixou de ser um fenômeno ocasional. Ao conservar-se, geração após geração, num grupo humano, ele se tornou parte central da maneira de viver que definiu dali por diante a nossa linhagem. (Maturana, 2004, 31)

A psicopedagogia, apesar de existir no Brasil há mais de 25 anos, ainda não é reconhecida por muitas pessoas, tanto nas escolas quanto em instituições privadas.

Para iniciarmos uma conversa entre os envolvidos com o projeto e para situar os pontos de partida, traremos os primeiros artigos do Código de Ética da profissão. No sentido de partir de uma compreensão comum dessa área de conhecimento e iniciarmos a possibilidade de criarmos consensos.

### Artigo 1º

A Psicopedagogia é um campo de atuação em Saúde e Educação que lida com o processo de aprendizagem humana; seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio – família, escola e sociedade – no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da Psicopedagogia.

---

<sup>1</sup> Mestranda PPGE Metodista / Coord. Psicopedagogia Sedes Sapientiae. geovas@terra.com.br

#### Parágrafo Único

A intervenção psicopedagógica é sempre da ordem do conhecimento relacionado com o processo de aprendizagem.

#### Artigo 2º

A Psicopedagogia é de natureza interdisciplinar. Utiliza recursos das várias áreas do conhecimento humano para compreensão do ato de aprender, no sentido ontogenético e filogenético, valendo-se de métodos e técnicas próprios.

#### Artigo 3º

O trabalho psicopedagógico é de natureza clínica institucional, de caráter preventivo e/ou remediativo.

#### Artigo 4º

Estarão em condições de exercício da Psicopedagogia os profissionais graduados em 3º grau, portadores de certificado de curso de Pós-graduação de Psicopedagogia, ministrado em estabelecimento de ensino oficial e/ou reconhecido, ou mediante direitos adquiridos, sendo indispensável submeter-se à supervisão e aconselhável trabalho de formação pessoal.

(Código de Ética e Estatuto da abpp 95/96)

Assim, criar pontes entre as pessoas, foi uma das formas de ampliar nossas conversas e reflexões, no intuito de melhorar o entendimento entre todos os envolvidos e especialmente para que assim refletisse na ação propriamente dita, ou seja, num melhor atendimento para as crianças e adolescentes envolvidos nessa história.

A experiência é o que dizemos que acontece conosco quando somos conscientes de que o que acontece conosco acontece como um suceder de nosso viver que distinguimos no viver do linguajar. Como a descrição da experiência não pode ser substituir o vivido, a descrição somente pode colocá-la no âmbito do olhar reflexivo e assim constituí-la como elemento do mundo humano que é o mundo que surge no linguajar (Maturana 2009, p. 65)

Nesse sentido, olharmos reflexivamente para os passos dados durante e depois da experiência ter sido vivida ocuparam o núcleo de muitas reuniões no decorrer dos meses de trabalho. Também posteriormente, numa avaliação para pensar na continuidade da ação.

#### **Alguns passos da nossa construção**

Primeiro - ajustar a visão que a escola tem do aluno com questões de aprendizagem. Para as escolas muitas vezes os meninos e meninas a serem encaminhados são os que dão trabalho em sala de aula pela indisciplina, por não executarem tarefas propostas, por não terem desenvolvido o papel de aluno. Porém muitas vezes esses não são alunos para o atendimento e sim os mais silenciosos, os que não se expressam, os que não dão trabalho de disciplina. Nessa ótica, discutir com os professores e os coordenadores quais os alunos que poderiam aproveitar melhor os atendimentos, foi o primeiro passo.

Segundo - foi necessário depois desse ajuste uma sondagem para sabermos onde o aluno se situava no seu processo de ensino aprendizagem, bem como nos aspectos socioculturais e psicológicos. Essa sondagem foi feita pela escola, através de uma prova realizada pelos professores, em conjunto com os psicopedagogos do

Getep. Nela foram acrescentados alguns dados que as coordenadoras das escolas acharam importantes sobre as histórias das crianças ou adolescentes, quando não foi possível incluir a família no processo.


Terceiro - para que todos pudessem monitorar o crescimento de cada aluno ou aluna foi criada uma ficha de observação. A sua finalidade foi a partir dos dados nelas coletados socializá-los entre todos os parceiros envolvidos (psicopedagogos, escolas, instituição parceira) gerando também indicadores para avaliar a intervenção.

Da avaliação:

O diagnóstico inicial dos alunos foi feito buscando identificar suas principais dificuldades de aprendizagem. Esta primeira sondagem foi a base do acompanhamento da evolução dos alunos. Foram definidos os seguintes indicadores de avaliação:

- a. Presença  
Instrumento de avaliação: listas de presença  
Percentual e comentário
- b. Grau de Organização
  - 1. Desorganizado na execução das atividades;
  - 2. Desorganizado no uso do espaço, mas executa as atividades;
  - 3. Organizado no uso do espaço e na execução das atividades;
- c. Grau de Concentração
  - 1. Totalmente disperso;
  - 2. Realiza as atividades propostas com interrupções;
  - 3. Realiza as atividades propostas sem interrupções
- d. Trabalho em grupo
  - 1. Não consegue trabalhar em grupo
  - 2. Consegue trabalhar em grupo quando convocado;
  - 3. Consegue trabalhar em grupo de forma colaborativa
- e. Expressão escrita
- f. Expressão Oral
- g. Leitura

Para os itens b, c e d o instrumentos de avaliação foi a ficha de avaliação preenchida com base na observação do psicopedagogo e discussão na supervisão e com a escola. A ficha a seguir poderia ser aproveitada por outros educadores que querem monitorar o andamento de seus alunos. Vale recriar, colocar outros itens, enfim fazê-la ficar com as características que cada grupo de trabalho ache importante. É sugestão, pois muito nos ajudou a caminhar juntos com os diferentes parceiros envolvidos nesse projeto.

		FICHA DE OBSERVAÇÃO - ATP														
INDICADOR / NÍVEL		ORGANIZAÇÃO			CONCENTRAÇÃO			TRABALHO EM GRUPO			EXPRESSIONÃO ESCRITA		EXPRESSIONÃO ORAL		LEITURA	
		Desorganizado na execução das atividades;	Desorganizado no uso do espaço, mas executa as atividades;	Organizado no uso do espaço e na execução das atividades;	Totalmente disperso;	Realiza as atividades propostas com interrupções	Realiza as atividades propostas sem interrupções	Não consegue trabalhar em grupo	Consegue trabalhar em grupo quando convocado;	Consegue trabalhar em grupo de forma colaborativa	capaz de redigir sem cópia um pequeno texto compreensível.	capaz de contar um fato cotidiano com fluência e seqüência	capaz de ler um pequeno texto escrito em linguagem familiar com fluência suficiente para compreendê-lo			
SERIE	NOME	1	2	3	1	2	3	1	2	3	N	S	N	S	N	S

Quarto - como os atendimentos ocorriam no espaço da escola, com educadores de fora, foi necessário criar um “contrato” de trabalho entre os envolvidos, ou seja, “o que é combinado não é caro”.

### **Contrato**

Atribuições dos Parceiros:

- Psicopedagogos

Planejar as ações dos Profissionais que atuarão no atendimento e supervisioná-los.

Realizar as atividades com os alunos em sala de atendimento.

Confeccionar o material que será utilizado durante os atendimentos.

Registrar as presenças e ausências dos alunos bem como as atividades e os conteúdos trabalhados durante os atendimentos.

Deixar as salas de atendimento arrumadas após o término das sessões.

Informar para a Educação em Parceria a frequência e a composição dos grupos formados.

Organizar os portfólios dos alunos.

Realizar avaliação dos alunos atendidos.

Elaborar relatório mensal por grupo atendido.

- Instituição particular parceira

Financiar todas as ações do projeto.

Acompanhar a organização e planejamento das atividades, proporcionando os recursos necessários para o efetivo trabalho dos formadores.

Realizar reuniões de avaliação e reestruturação do projeto, conforme cronograma acordado entre os envolvidos.

- Escola

Empreender esforços para que os alunos compareçam aos grupos de ATP.

Entregar as salas aos Profissionais da psicopedagogia, arrumadas e limpas para que os alunos possam ser recebidos.

Disponibilizar um armário para que sejam guardados os materiais utilizados por Profissionais da psicopedagogia.

Acompanhar o Projeto ao longo de seu desenvolvimento.

Marcar reuniões com os profissionais envolvidos nas ações quando houver necessidade.

Convocar os pais dos alunos para reunião inicial para esclarecimentos posteriores quando necessário.

Avisar os profissionais da psicopedagogia eventuais cancelamentos de atendimentos.

Vale dizer que o diálogo com as escolas e instituição parceira não é tarefa fácil, muitas vezes o pensar educação é diverso, tem muitos interlocutores nas decisões.

A história da humanidade em sua origem, não é uma história da competência, do competir, mas de convivência, de fazer as coisas juntos, do bem estar de fazer as coisas juntos a partir de uma família ancestral, ou seja, da colaboração. E é nesta história, que tem menos de três milhões de anos, que em algum momento se introduzem outras idéias – que tem a ver com a ambição, com a dominação, etc, e aparecem teorias que justificam a discriminação e a dominação política, filosófica e religiosa. (Maturana 2011, p.11)

Acreditar no que nos diz Maturana nos faz conversar cada vez mais com mais pessoas. E pensar juntos a Escola Pública é tarefa de todos os educadores, dentro ou fora da escola.

Outro aspecto que precisamos olhar é a metodologia de trabalho. Na psicopedagogia é fundamental recuperar a curiosidade, o prazer pela aprendizagem.

Por isso, muitas vezes, investimos em jogos e atividades lúdicas. Nos grupos de trabalho fizemos receitas, construímos jogos, contamos e escrevemos histórias, brincamos. Fizemos atividades que, para a escola e para os pais, nem sempre parece sério, nem atividade cognitiva, nem aprendizagem. O termo que os alunos utilizavam é que não era “lição”.

Alicia Fernandes traz a questão da importância de recuperarmos a alegria, a alegria como critério de saúde na aprendizagem. Mais do que isso que o contrário dela não é a tristeza, mas o aborrecimento, o omitir-se, o desaparecer. O que queremos é que as crianças e adolescentes recuperem a força criativa a possibilidade de ser curiosos de aprender e ensinar.

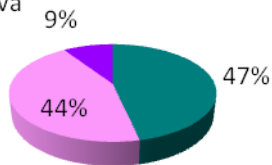
Participamos também de algumas reuniões de professores para demonstrar os trabalhos feitos pelas crianças e pensarmos juntos nos aprendizados que ocorriam em cada atividade realizada pelos grupos psicopedagógicos. Com essas interações foi se modificando a forma de enxergar o trabalho, sobretudo quando foram vendo resultados.

Os resultados obtidos a partir das fichas de observação eram socializados entre os parceiros. Apresentamos a primeira e a última tabulação das observações realizadas nos grupos de atendimento para que possamos pensar e nos darmos conta das mudanças possíveis.



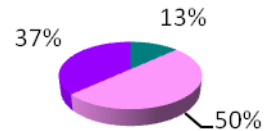
### Trabalho em grupo (maio)

- Não consegue trabalhar em grupo
- Consegue trabalhar em grupo quando convocado
- Consegue trabalhar em grupo de forma colaborativa



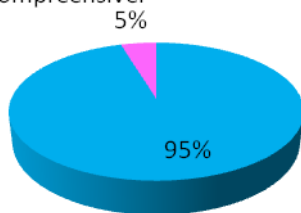
### Trabalho em grupo (novembro)

- Não consegue trabalhar em grupo
- Consegue trabalhar em grupo quando convocado
- Consegue trabalhar em grupo de forma colaborativa



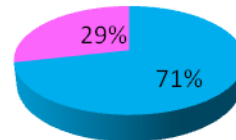
### Expressão escrita (maio)

- Não é capaz de redigir sem cópia um pequeno texto compreensível
- É capaz de redigir sem cópia um pequeno texto compreensível



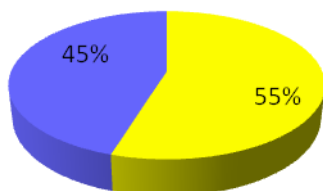
### Expressão escrita (novembro)

- Não é capaz de redigir sem cópia um pequeno texto compreensível
- É capaz de redigir sem cópia um pequeno texto compreensível



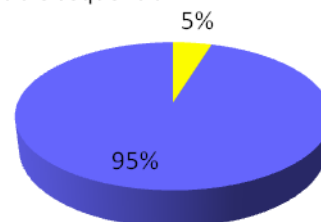
### Espressão oral (maio)

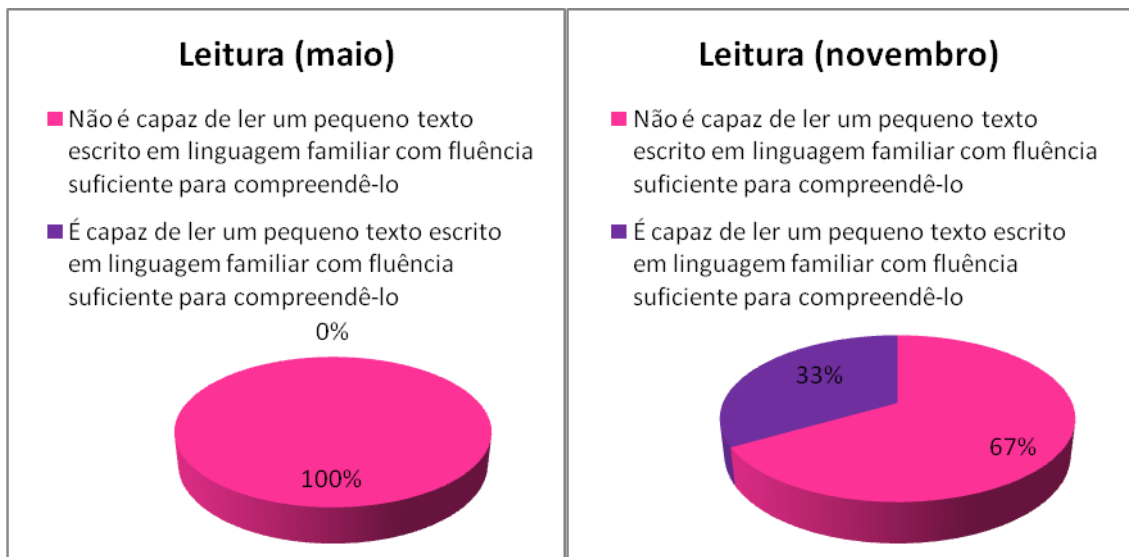
- Não é capaz de contar um fato cotidiano com fluência e sequência
- É capaz de contar um fato cotidiano com fluência e sequência



### Espressão oral (novembro)

- Não é capaz de contar um fato cotidiano com fluência e sequência
- É capaz de contar um fato cotidiano com fluência e sequência





Podemos afirmar que os atendimentos geraram muitas mudanças nas crianças e adolescentes, assim como em todos os envolvidos, que precisaram rever formas de enxergar atividades, os entendimentos, as pessoas e as próprias instituições parceiras.

Apesar disso sabemos que lidar com diferentes instituições nos coloca a pensar sobre elas. Por um lado são necessárias para organizar a vida social; por outro, despertam suspeita porque uma vez estabelecidas tendem a se esclerosar e distorcer.

Esses aspectos aqui tocados e tantos outros que alunos, professores, pais, psicopedagogos queiram trazer para o debate podem ser suscitados pela antiga fábula indiana:

“Um mestre diabo inspecionava a Terra na companhia de um acólito. Tudo em boa ordem de corrupção, podridão, vício, guerra... Até que o novato chama a atenção do sênior para uma bolsa, uma nesga, um oásis de Verdade no Mundo, propondo-lhe rápida intervenção. Sem alterar, o velho diabo responde-lhe, sabedor:

- Uma verdade? Fica tranqüilo. Logo virão institucionalizá-la.” (Cunha, 2006 p.33-34)

### Referências bibliográficas

Código de Ética e Estatuto da Associação Brasileira de Psicopedagogia 95/96.

Cunha, Paulo Ferreira da “Pensamento indiano: inspirações e desafios” in Lauand, Jean (org.) **Filosofia e Educação: o Ocidente e os Orientes** São Paulo, ESDC, 2006.

Fernandez, Alicia **Psicopedagogia em Psicodrama: Morando no Brincar**, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

Maturana, H. Conversações Matrísticas & Patriarcais, In: Maturana, H. & Verden-Zöller, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

Maturana, H., Yañez X. **Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009.

Maturana, H. Entrevista: Razão e Reflexão . **Revista TeD Inteligência corporativa**, São Paulo: ed. ASTD, No. 168 abr-mai 2011.

Recebido para publicação em 18-03-12; aceito em 11-04-12